

FÉ, AMOR E ESPERANÇA



"[1] *Eu, Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, escrevo esta carta, junto com nosso irmão Timóteo, [2] aos irmãos fiéis em Cristo, o povo santo na cidade de Colossos. Que Deus, nosso Pai, lhes dê graça e paz. [3] Sempre oramos por vocês e damos graças a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, [4] pois temos ouvido falar de sua fé em Cristo Jesus e de seu amor por todo o povo santo, [5] que vêm da esperança confiante naquilo que lhes está reservado no céu. Vocês têm essa expectativa desde que ouviram pela*

primeira vez a verdade das boas-novas." (Colossenses 1.1-5 – Nova Versão Transformadora)

A Epístola aos Colossenses foi escrita entre os anos 59-62 d.C., quase trinta anos após a morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. A maioria dos estudiosos entende que Colossenses faz parte das epístolas da prisão, juntamente com Efésios, Filipenses e Filemon. A autoria da epístola é do apóstolo Paulo, que a redigiu durante sua prisão domiciliar em Roma (cf. Atos 28.16), com o intuito de auxiliar uma igreja que ele ainda não visitara.

O objetivo da epístola foi combater, principalmente, quatro correntes filosóficas: **gnosticismo** [crença na existência de um conhecimento secreto], **legalismo** [observância das leis cerimoniais findadas em Cristo, cf. Romanos 10.4], **misticismo** [superstições e uso de objetos com atribuições mágicas] e **ascetismo** [penitência e restrições alimentares]. Tais correntes formaram verdadeiro sincretismo de tendências religiosas distintas e criaram confusão e desunião nas igrejas em Colossos.

Pesquisadores bíblicos têm descoberto que a tendência teológica herética de Colossos formou um grupo cujos membros afirmavam desfrutar de diversas experiências espirituais extraordinárias. Tais experiências os colocavam em nível superior acima dos demais e permitia que eles influenciassem pequena parte dos membros da comunidade cristã. Atualmente essa cena se repete constantemente. Tornou-se comum o ensino por parte de líderes evangélicos – principalmente os neopentecostais – de que as pessoas que não aspiram as mesmas experiências místicas que eles tiveram, não tem a presença Espírito Santo na vida ou é um crente com “defeito de fabricação”. Mas como bem disse o teólogo alemão Martinho Lutero (1483–1546), “qualquer ensinamento que não se enquadre nas Escrituras deve ser rejeitado, mesmo que faça chover milagres todos os dias”. Milagres impressionam. Ainda assim, não podemos ser reféns do que vemos ou ouvimos. Nos dias atuais, o aumento da entonação de voz do pregador, durante o sermão, é visto como sinal do poder do Espírito Santo e da autoridade de Deus no indivíduo. Puro engano. O poder e autoridade de Deus não

consistem na entonação de voz do pregador, mas na transformação das vidas para as quais ele prega. Berros enfurecidos não valem nada. Pelo contrário, lembro-me do conselho do arcebispo anglicano Desmond Mpilo Tutu: *“Meu pai sempre dizia: não levante a sua voz, melhore os seus argumentos”*.

O tipo de espiritualidade dos hereges os fazia se sentir superiores e provocava divisão e discriminação na igreja. Os prejuízos eram teológicos, éticos e comunitários. Os hereges passaram a vigiar a liberdade cristã da igreja e a exigir que os cristãos se abstivessem de alimentos e bebidas (cf. Levítico 11). Além disso, exigiam também que se observassem as festas religiosas judaicas. Todavia, a questão era mais complexa. Acreditava-se que os “princípios elementares” (potestades espirituais) tivessem poder sobre certas datas e, por isso, precisavam ser respeitados. Portanto, a obediência às festas não envolvia apenas ideias judaicas, mas também o temor pagão dos espíritos maus.

Influenciado por uma cosmovisão do tipo gnóstica, o grupo herético existente na comunidade de Colossos ensinava a existência de vários níveis de distanciamento entre Deus e o homem – o chamado “pleroma”. Era necessário galgar esses degraus por meio de experiências místicas ascéticas para chegar a um nível superior. Este distanciamento enfraquecia o valor de Cristo e de sua obra redentora. Foi por esse motivo que o apóstolo Paulo combateu o esvaziamento de Cristo, proposto pelos hereges. Cristo é suficiente e enche toda a plenitude (o espaço entre o céu e a terra).

A autoridade dos hereges sobre a comunidade vinha através de “visões espirituais” que determinavam o tom da verdade. Eles afirmavam que participavam de um culto de adoração no mesmo nível que os anjos ofereciam a Deus. Nessas reuniões místicas, segundo eles, surgiam as visões que lhes “autorizavam” a dizer o que afirmavam. Tais visões eram contadas detalhadamente e serviam de referência de espiritualidade e autoridade – o que deixava muitos cristãos confusos. Ainda assim, grande parte dos cristãos de Colossos entendia que tudo não passava de ensino humano e que apenas crer em Cristo era o suficiente.

Nos dias atuais, a tendência a um legalismo judaizante, a ênfase no poder dos espíritos maus, o desinteresse pela centralidade da cruz de Cristo, o misticismo forte voltado para experiências extravagantes e a valorização indevida de anjos em alguns contextos são alguns dos problemas encontrados e que devem ser confrontados com a sábia e decisiva palavra inspiradora de Paulo aos colossenses. Afinal, como dizia o teólogo cristão britânico John Wesley (1703–1791), *“o que uma geração tolerar, a próxima irá abraçar”*.

Como apóstolo de Cristo Jesus (v. 1) Paulo fora diretamente chamado e enviado pelo Senhor Jesus ressurreto para ser seu agente na proclamação do Evangelho, na fundação de igrejas e orientação de seus membros. Um apóstolo tinha autoridade para ensinar (cf. 1Timóteo 2.7) e para apascentar a congregação (cf. 2Coríntios 13.10). Na Epístola aos Colossenses o apóstolo Paulo dá graças a Deus pela vida dos cristãos em Colossos, em virtude de ter ouvido sobre a **fé**, o **amor** e a **esperança** existentes na comunidade cristã colossense. A Palavra de Deus que progredia triunfante, chegou aos

colossenses e assumiu lugar de destaque na vida deles. Os colossenses ouviram a mensagem da Graça de Deus em Cristo, e com sua conversão experimentaram sua natureza real.

As chamadas “virtudes teológicas” [fé, amor e esperança] formam um tripé sobre o qual a vida cristã é edificada. A **fé** se dirige a Cristo, como a fonte suficiente de salvação e vida; o **amor** é a abertura para o outro, para a edificação da comunidade; e a **esperança** é a força para enfrentar os desafios do presente tendo em perspectiva as promessas divinas de glória eterna.

Fé, do grego πίστις (*pístis* = “persuasão firme”, “convicção fundamentada no ouvir”). Significa, primariamente, firme convicção, que produz pleno reconhecimento da revelação ou da verdade de Deus.¹ “A fé mostra a realidade daquilo que esperamos; ela nos dá convicção de coisas que não vemos” (Hebreus 11.1 – Nova Versão Transformadora). A fé é mencionada primeiro, pois sem ela a vida cristã não é possível (cf. Romanos 10.9). Ela é introjetada em nossa vida através da compreensão e prática das boas-novas a respeito de Cristo (cf. Romanos 10.17).

Amor, do grego ἀγάπη (*ágape*), significa “ato sacrificial em favor de outrem”. Este é o amor que se move pelas necessidades do outro, sem pensar nos próprios interesses. É um amor que deseja arriscar tudo por alguma vantagem para outra pessoa, isto é, que não considera nenhum preço muito alto se outra pessoa puder receber algum benefício.² O amor cristão é demonstrado através do serviço comunitário, envolto pela mutualidade. É por meio do amor que os cristãos servem uns aos outros. Portanto, “amar” não é questão de afetividade. Mas é ação que envolve a nossa conduta (cf. 1Coríntios 13). O amor descreve como nos comportamos, não como nos sentimos. Amar é dar ao próximo o que ele precisa e não apenas o que ele merece.

Esperança, do grego ἐλπίς (*elpís*), significa “expectativa favorável e confiante”. Tem a ver com aguardar com expectativa o que não se vê e o futuro. A esperança reside na compreensão daquilo que ouvimos e não naquilo que vimos. O termo descreve a antecipação feliz do que é bom. No Novo Testamento, três adjetivos são descritivos da esperança: “boa” (cf. 2Tessalonicenses 2.16); “feliz” (cf. Tito 2.13); “viva” (cf. 1Pedro 1.3).³ É por isso que cristãos devem voltar sua mente para Deus e permitir que os seus pensamentos sobre Cristo governem a sua vida. Tanto a fé como o amor são baseados na esperança (essas três graças estão relacionadas em Romanos 5.1-5; 1Coríntios 13.13; Gálatas 5.5-6; 1Tessalonicenses 1.3; 5.8).

O filósofo e pastor batista Neil Barreto costuma dizer que “a coisa principal é fazer da coisa principal, a coisa principal”. Muitas vezes em nome do politicamente correto, em nome daquilo que é “muito importante”, desprezamos aquilo que é “essencial”: **fé, amor e esperança**.

¹ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 648 p

² Ibid., p. 1.115

³ Ibid., p. 614-615